

Agradecimentos

A realização deste relatório final de estágio que apresento foi desenvolvida num longo percurso de aprendizagem, não sendo, obviamente, apenas o resultado do nosso esforço. Assim sendo, pretendo agradecer a todos os que sempre me apoiaram e contribuíram para a realização e concretização desta etapa final na minha formação, o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Em primeiro lugar agradecer, e como não podia deixar de ser, aos meus pais, irmã e avó, por todo o apoio prestado durante todos estes anos, bem como por terem acreditado que era capaz, contribuindo sempre para o meu sucesso, lutando comigo nesta caminhada e em todos os momentos da minha vida.

Ao meu namorado Diogo Moreira, que sempre esteve presente e me apoiou quando mais precisava e, por isso, agradeço-lhe por todo o carinho, amor, força e companhia que me tem dado e toda a sua paciência para comigo.

Às minhas amigas, que sempre estiveram presentes, com toda a amizade, carinho, apoio e compreensão.

Às minha orientadora Doutora Anabela Novais e coorientadora Doutora Cristiana Mendes, pela disponibilidade e dedicação na orientação deste relatório, bem como toda a motivação que sempre me deram e a confiança que depositaram em mim.

Aos professores, educadores de infância, alunos e crianças que me acolheram e contribuíram para um percurso de aprendizagem em contexto de estágio.

Aos demais, que direta ou indiretamente, de alguma forma deram o seu contributo para que chegasse com sucesso ao fim desta etapa.

A todos, o meu sincero OBRIGADA, pois sem a vossa colaboração nada disto tinha sido possível!

Resumo

Este Relatório Final de Estágio é fruto do trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e pretende evidenciar as Práticas de Ensino Supervisionadas (PES), bem como o projeto de investigação na área da Ciências Naturais que ocorreu na Educação Pré-Escolar, abrangendo duas partes.

A primeira parte direciona-se às práticas levadas a cabo ao longo das PES II e III, fazendo-se, uma reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido e os contextos onde estas decorreram.

Na segunda parte é apresentado o projeto de investigação desenvolvido ao longo de dois semestres. Com a realização deste trabalho pretendeu-se realizar um estudo incidindo na questão “Que práticas favorecem a sensibilização ambiental de crianças em idade pré-escolar?”. Assim, pretendemos dar resposta a esta pergunta, tendo como objetivo promover a sensibilização ambiental em crianças em idade pré-escolar. Foram realizadas entrevistas às crianças de modo a perceber de que forma é que protegem o ambiente. Posteriormente, foram realizadas três atividades, com o objetivo de identificarem os tipos de meio ambiente, o conceito e a importância de meio ambiente e as práticas ambientais das crianças.

Os resultados da investigação mostraram que as crianças dos quatro e cinco anos percebem o conceito e a importância de meio ambiente e conseguem identificar vários tipos de meio ambiente. Constatámos que fora e dentro do jardim de infância efetuam práticas ambientais. Algumas crianças de três anos têm alguma dificuldade em perceber o conceito e a sua importância, apesar de também realizarem práticas ambientais.

Palavras-chave: Educação pré-escolar; educação ambiental; sensibilização ambiental; atividades práticas

Abstract

This Internship Final Report is the work developed under the Master in Pre-School Education and Training of the 1st cycle of basic education and aims to highlight the Teaching Practice Supervised (TPS) as well as the research project in the field of Natural Sciences that took place in pre-school education, comprising two parts.

The first part directs to the practices carried out along the TPS II and III, becoming a reflection on all the work and the contexts in which this took place.

In the second part presents the research project developed over two semesters. With this work we intended to conduct a study focusing on the question "What practices promote environmental awareness of children in preschool age?" Thus, we intend to answer this question, aiming to promote environmental awareness in children of preschool age. Interviews were conducted with children in order to understand how it is that they protect the environment. Subsequently, there were three activities, in order to identify types of environment, the concept and the importance of the environment and their environmental practices.

The research results showed that children of four and five years realize the concept and the importance of environment and can identify various types of environment. We found that in and out of kindergarten, they have environmental practices. Some three year old children have some difficulty in understanding the concept and its importance, although they also carry out environmental practices.

Keywords: Preschool education; environmental education; environmental awareness; practical activities

Índice geral

Introdução Geral	1
PARTE I – REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS PRÁTICAS EM CONTEXTO.....	2
Introdução	3
1. Ensino do 1.º ciclo do ensino básico	4
1.1. Caracterização do contexto.....	4
1.2. Análise das práticas concretizadas.....	5
1.3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos	6
2. Educação Pré-Escolar.....	9
2.1. Caracterização do contexto.....	9
2.2. Análise das práticas concretizadas.....	10
2.3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos	11
PARTE II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.....	13
Introdução	14
1. Definição do problema.....	15
1.1. Delimitação do objeto de estudo	15
1.2. Justificação e relevância do estudo	15
2. Objetivos da investigação.....	18
3. Revisão da literatura	19
3.1. Meio Ambiente	19
3.2. Educação Ambiental.....	21
3.3. Educação Ambiental na Educação Pré-Escolar.....	24
4. Metodologia	26
4.1. Tipo ou plano de investigação	26
4.2. Participantes e justificação da sua escolha	26
4.3. Técnicas e instrumentos de pesquisa.....	27
4.4. Atividades desenvolvidas	28
4.5. Análise e tratamento de dados	29
5. Apresentação e discussão dos resultados.....	30
6. Conclusões do estudo.....	36
Conclusão Final	38

Referências Bibliográficas	40
ANEXOS	43

Índice de Anexos

Anexo 1: Guião da Entrevista	44
Anexo 2: Fotografias das atividades desenvolvidas.....	46

Introdução Geral

O presente relatório final de estágio decorre no âmbito das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada I e II, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Viseu, sendo este constituído por duas partes. Na primeira parte aborda uma reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas ao longo dos segundo e terceiro semestres do curso. Na segunda parte apresenta-se o projeto de investigação realizado em contexto Pré-Escolar, que tem como objetivo a sensibilização ambiental.

Foram-nos proporcionados dois estágios em contextos diferentes, primeiramente, com uma turma de 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com crianças de idades entre os sete e oito anos e, num segundo momento com um grupo de crianças da Educação Pré-Escolar, com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

A primeira parte deste relatório diz respeito a todo o contexto onde decorreram as Práticas de Ensino Supervisionadas, refletindo-se sobre os dois contextos de estágio, analisando as práticas de ensino de forma a dar a conhecer o trabalho desenvolvido e a evolução verificada ao longo das várias semanas de estágio. É também apresentada uma análise das competências e conhecimentos desenvolvidos durante o estágio.

Na segunda parte é descrito o projeto de investigação levado a cabo num Jardim de Infância da cidade de Viseu e apresenta o trabalho realizado com 11 crianças sobre a sensibilização ambiental, sua importância e proteção. Esta segunda parte encontra-se dividida em seis capítulos. No primeiro é apresentado o estudo e a justificação da sua pertinência. No segundo capítulo são expostos os objetivos principais do estudo. No terceiro capítulo é abordado o enquadramento teórico do tema. O quarto capítulo refere a metodologia de investigação adotada, fazendo referência à natureza do estudo, aos seus participantes, às técnicas e instrumentos de recolha de dados, bem como a respetiva análise e tratamento. O quinto capítulo apresenta os resultados e respetiva discussão. No sexto capítulo são discutidas as principais conclusões.

Por último, apresentamos a conclusão geral deste relatório, onde nos baseamos tanto na reflexão do nosso percurso profissional de formação, como nas conclusões da investigação efetuada.

PARTE I – REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS PRÁTICAS EM CONTEXTO

Introdução

Na primeira parte deste relatório final de estágio desenvolvemos uma reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas no curso Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este curso permite uma continuação do curso de Licenciatura em Educação Básica, onde é dada a possibilidade de contactarmos com vários níveis educativos, no entanto é no curso de mestrado que se identificam as práticas de ensino ao vivenciarmos com uma maior regularidade, contextos que iremos percorrer ao longo da nossa vida profissional.

Iremos começar por fazer uma caracterização dos contextos onde decorreram as unidades curriculares de PES II e PES III. Este documento incide na análise do desempenho nas nossas práticas nos diferentes níveis de ensino como: Educação Pré-Escolar (EPE), num Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), numa turma de 2.º ano de escolaridade. Estas práticas decorreram ao longo do segundo e terceiro semestres do curso. As intervenções nestas unidades curriculares foram a maior parte do tempo de forma individual.

Acabadas estas práticas é importante refletirmos acerca das nossas intervenções, com o intuito de percebermos quais as competências que adquirimos no decorrer destes semestres, bem como termos noção onde tivemos as principais dificuldades e refletirmos como podemos melhorar as nossas práticas futuramente.

Apesar de nos focarmos nas aprendizagens e conhecimentos adquiridos nas PES II e III, também são considerados outros conhecimentos. Quando nos referimos a outros conhecimentos, referimo-nos aos conhecimentos adquiridos na licenciatura, pois apesar de o mestrado ser fulcral para crescermos como profissionais a licenciatura foi um marco relevante no percurso académico.

1. Ensino do 1.º ciclo do ensino básico

1.1. Caracterização do contexto

A unidade curricular de PES II, permitiu-nos fazer um estágio durante o segundo semestre do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, decorreu em contexto de Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa escola pertencente a um Agrupamento de Escolas dos concelho e distrito de Viseu. O estabelecimento tem dois pisos, cada um com duas salas, sendo o acesso ao 1.º andar através de escadas. Existe ainda uma sala localizada na parte requalificada das instalações, uma sala de arrumações, uma sala de professores, um refeitório com cozinha, quatro casas de banho e no corredor de acesso ao recreio encontram-se vários armários de arrumações de jogos, livros e materiais escolares. Num modo geral, todo o edifício se encontra em bom estado. Contudo, é de referir que a sala situada na parte da escola mais recente, foi construída com o intuito de ser uma biblioteca, mas neste momento está a ser utilizada como sala de aula. O espaço exterior apresenta uma área coberta de recreio e toda a restante área apresenta um piso desnivelado e sem qualquer equipamento. No entanto, cumpre a legislação e não apresenta qualquer perigo à saúde e segurança dos alunos.

Foram-nos atribuídos três dias de estágio, de segunda a quarta-feira, das 9:00 às 12:00 horas e das 13:30 às 15:39 horas, com um intervalo das 10:30 às 11:00 horas.

Ao longo de treze semanas, tornou-se exequível experiencarmos o papel de professoras. A dinamização era praticada apenas pela professora/estagiária responsável pela semana, à exceção da primeira semana de estágio que foi dinamizada em conjunto pelo grupo de estágio, pois no semestre anterior já tínhamos efetuado as observações. Tudo isto originou que cada semana fosse atribuída a uma estagiária do grupo, sendo que cada uma delas teve oportunidade para dinamizar quatro semanas individuais e três dias em grupo, contudo, embora cada estagiária estivesse responsável pelas implementações nas respetivas semanas, todos os elementos do grupo colaboravam e auxiliavam no decorrer das diversas atividades nos diferentes dias.

A turma de crianças com o qual desenvolvemos diferentes atividades durante o tempo de estágio era constituída por vinte e duas crianças, cinco do sexo feminino e dezassete do masculino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. Dois dos alunos estavam assinalados com Necessidades Educativas Especiais (NEE) abrangidos pelo Decreto-lei 3/2008, de 7 de janeiro, pois apresentavam défice de atenção/concentração e hiperatividade.

A turma, de uma maneira geral, era um grupo que manifestava espontaneamente os seus gostos e preferências apresentando uma grande apetência para os jogos. Também emitiam as suas opiniões e sugestões sobre os temas abordados, relacionando conteúdos atuais com aprendizagens já adquiridas e referenciando com espontaneidade as suas vivências do dia-a-dia. De um modo geral a turma apresentava boa capacidade comunicativa e cumprimento das regras da sala de aula, no entanto, por vezes revelavam comportamentos desajustados, como por exemplo participações inoportunas.

1.2. Análise das práticas concretizadas

As práticas concretizadas durante o segundo semestre, permitiram vivenciar o que realmente é ser um profissional da docência. Através deste estágio, apercebemo-nos melhor da realidade do 1.º CEB e adquirimos conhecimento acerca da constituição da escola, como funciona e quais os documentos orientadores, bem como a ação dos docentes deste nível de ensino. Através deste contacto realizado com a escola e a turma, pudemos conhecer que existe todo um trabalho de equipa que abrange todos os elementos da comunidade educativa que trabalham diariamente com o mesmo propósito: o sucesso dos alunos.

Quanto ao processo de preparação das aulas, as intervenções foram pensadas e planeadas cuidadosamente. Tendo em conta os alunos que tínhamos, os planos foram sempre realizados, atempadamente, com cuidado e rigor científico, sendo tudo sempre pensado em grupo, mesmo quando as intervenções eram individuais. E isto foi muito importante, uma vez que a ajuda e o envolvimento fez com que nos sentíssemos mais seguras perante as situações da prática. O apoio da professora cooperante foi essencial, pois mostrou-se sempre disponível, com imensa vontade de nos ajudar e aconselhar em tudo o precisávamos. Tendo em conta que a turma em que estagiei na PES I era a mesma, a adaptação à turma e à professora já estava feita.

A organização do trabalho de cada semana iniciava-se com um diálogo com a docente titular, que nos comunicava quais os conteúdos a desenvolver na semana seguinte. O grupo de estágio pesquisava acerca dos conteúdos e, posteriormente, reunia para aferir quais as atividades adequadas. Após este tempo de exploração, o grupo apresentava à professora cooperante as suas ideias e esta refletia connosco acerca das mesmas. Em cada dia era pensado uma forma de motivar os alunos para a

aula, independentemente da área curricular. Assim, foram utilizados vários métodos, desde pequenas encenações a vídeos, jogos ou curiosidades. Havia sempre uma preocupação em explorar os conteúdos de uma maneira apelativa, utilizando cartazes, músicas, canções, apresentações em PowerPoint e jogos didáticos. Os alunos mostravam maior interesse nos jogos didáticos e nas apresentações em PowerPoint.

Qualquer conteúdo de qualquer área curricular era seguido e lecionado de acordo com os programas em vigor, uma vez que estes são documentos orientadores e fundamentais para quem lida com uma turma de alunos. É necessário ter-se conhecimento do que neles existe, para que se leccione aquilo que é previsto.

Após cada prática era realizado um relatório crítico reflexivo que englobava os três dias da semana. Estes relatórios eram o resultado das nossas reflexões pessoais, das críticas construtivas das colegas do grupo, da professora cooperante e dos professores supervisores. Estes mais do que ninguém podiam auxiliar-nos a melhorar o nosso trabalho visto que observavam e ajudavam a refletir sobre as nossas práticas.

Podemos afirmar que a relação com as crianças foi bastante positiva e que a turma sempre aceitou e lidou bem connosco, contudo foram sentidas algumas dificuldades em gerir algumas atitudes de um ou outro aluno. No entanto, não fez com que nos tivesse feito desanimar ou desviar o nosso gosto pelas práticas e a relação com as crianças, pois estas atitudes são normais nestas idades e é com estas mesmas atitudes que nós aprendemos a interagir com eles.

Assim, podemos afirmar que todas as práticas desenvolvidas contribuíram para a construção de bons alicerces para nossa prática profissional futura.

1.3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos

No que diz respeito aos documentos orientadores de 1.º CEB, destacamos o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, que aprova o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º CEB, e evidencia “exigências para a organização dos projetos para a respetiva formação e para o reconhecimento de habilitações profissionais docentes”, daí a sua importância para analisar as competências e conhecimentos adquiridos pelos docentes.

Foi-nos solicitado que elaborássemos um Plano de turma, com o intuito de recolher toda a informação necessária para melhor compreender o contexto em que

estávamos inseridos. Desta forma, elaborou-se um documento com os seguintes tópicos: contextualização/caraterização da turma; caraterização individual; aspetos facilitadores e constrangedores; objetivos/metas curriculares; estratégias/atividades e avaliação das aprendizagens.

Para a elaboração deste documento, o grupo contou com auxílio da professora cooperante, que nos foi dando informações adicionais, de acordo com o estipulado Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho. O diálogo com os alunos da turma também nos permitiu obter dados importantes acerca dos mesmos.

As competências e conhecimentos profissionais que alcançámos foram: desenvolvimento de aprendizagens, utilizando de forma integrada diferentes saberes científicos relativos às áreas e conteúdos curriculares, de modo a promover a aprendizagem; utilização de conhecimentos prévios dos alunos de modo a promover novas aprendizagens; aquisição de métodos de trabalho, organização, tratamento e produção de informação recorrendo às novas tecnologias de informação e de comunicação (TIC); participação ativa dos alunos e respeito, bem como cidadania democrática; relacionamento positivo com os alunos, proporcionando assim um bom clima de aprendizagem; desenvolvimento de atividades que promovessem a compreensão e expressão oral; produção de textos escritos recorrendo a diferentes fontes de informação e posterior apresentação oral; realização de atividades matemáticas que se articulassem com exemplos do quotidiano, incentivando-os a resolver problemas e a explicitar os seus processos de raciocínio; promoção das expressões artísticas de forma integrada, em que os alunos utilizaram algumas estratégias na construção e elaboração de materiais e trabalhos.

No 1.º CEB é essencial que o professor comunique com os alunos, pais e também a restante comunidade educativa. Promover o envolvimento e participação de todos estes elementos é uma mais-valia para as aprendizagens. Um professor deve assim mostrar-se sempre disponível não avisando os encarregados de educação apenas quando algo de errado se passa com o aluno, mas comunicar-lhe também os sucessos e conquistas e incentivar a sua participação na vida escolar.

É necessária na prática docente agir perante todas as situações, principalmente nas incertezas e dificuldades, é fulcral arriscar e inovar as práticas recorrendo a todos os elementos possíveis.

No geral, pode dizer-se que desenvolvemos estratégias de ensino com a experiência do estágio, no entanto é no futuro, com a prática profissional e com a reflexão que se possa fazer sobre ela, que nos aperfeiçoaremos e podemos melhorar,

dia após dia, ano após ano. Concluimos esta reflexão com uma citação de Arends (1995) “o professor em início de carreira é um estrangeiro numa terra que nunca viu, um território cujas regras e costumes e cultura são desconhecidos, mas tem de assumir um papel significativo nessa sociedade” (p.486), ou seja, um professor quando começa a sua carreira sente-se um pouco “perdido”, pois pela primeira vez, vai assumir um papel deveras importante, estando sozinho perante uma turma, contudo, tem de ser capaz de por em prática aquilo que aprendeu e ser um bom educador para as crianças com que vai lidar.

2. Educação Pré-Escolar

2.1. Caracterização do contexto

A unidade curricular de PES III permitiu-nos fazer um estágio durante o último semestre do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB e decorreu em contexto de Educação Pré-Escolar, num Jardim de Infância pertencente a um Agrupamento de Escolas também dos concelho e distrito de Viseu. O estabelecimento tem quatro salas de educação pré-escolar no rés-do-chão, bastante iluminação natural, tendo em conta que uma das paredes, de cada sala, era de vidro e no primeiro andar encontravam 8 salas do ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Para além da educadora responsável, havia em cada sala uma assistente operacional a tempo inteiro e outras assistentes operacionais responsáveis pelo almoço das crianças. Tinha também um ginásio amplo, permitindo atividades de expressão motora num local mais adequado. Possuía um refeitório onde as crianças lanchavam e almoçavam. Esta instituição continha também um grande espaço exterior, onde as crianças podiam brincar livremente durante os intervalos e, ainda, uma biblioteca comum à educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Foram-nos designados três dias de estágio, de segunda a quarta-feira, das 9:00 às 12:00 horas e das 13:30 às 15:30 horas.

Ao longo de quinze semanas tornou-se exequível experiencarmos o papel de educadores. A dinamização era praticada apenas pela educadora/estagiária responsável pela semana, à exceção das duas primeiras semanas de estágio que foram de observação e a terceira semana foi dinamizada em conjunto com o grupo. Tudo isto originou que cada semana fosse atribuída a uma estagiária do grupo, sendo que cada uma delas teve oportunidade para dinamizar quatro semanas individuais e três dias em grupo. Contudo, embora cada estagiária estivesse responsável pelas implementações nas respetivas semanas, todos os elementos do grupo colaboravam e auxiliavam no decorrer das diversas atividades nos diferentes dias.

O grupo de crianças, com o qual desenvolvemos diferentes atividades durante o tempo de estágio, era constituído por vinte e quatro crianças, quinze do sexo feminino e nove do masculino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

As crianças revelaram ser curiosas, interessadas e motivadas para as diversas atividades, no entanto a nível da concentração e respeito pelas regras, algumas crianças mostravam dificuldades.

2.2. Análise das práticas concretizadas

As práticas concretizadas durante o último semestre permitiram-nos apropriar e vivenciar quais são realmente as práticas de um educador. Através destas práticas, apercebemo-nos melhor da realidade da Educação Pré-Escolar e tomámos contacto efetivo com a instituição e grupo. Pudemos compreender que existe todo um trabalho de equipa que engloba todos os elementos da comunidade educativa, desde autarquia, pais, educadores a diretores da instituição e que trabalham diariamente com o mesmo propósito: a aprendizagem das crianças.

Relativamente ao processo de preparação de dinamizações, a educadora sugeria-nos um tema a desenvolver, nós pesquisávamos, reuníamos, apresentávamos os vários planos de ação possíveis e decidíamos qual a melhor forma de pormos em prática. De seguida, apresentávamos à educadora as nossas sugestões para um feedback e assim que esta as aprovasse, todo o material era construído. É de salientar que na maioria das semanas o grupo dirigia-se junto dos professores das diversas áreas de conteúdo da unidade curricular PES III para nos poderem auxiliar. Através das reflexões das observações feitas pelos supervisores de estágio, podíamos precaver erros em possíveis dinamizações futuras.

Durante as nossas práticas, o grupo pretendeu ir ao encontro das necessidades das crianças, desenvolvendo atividades diferenciadas, sempre com a preocupação de um bom desenvolvimento da criança.

O ambiente educativo é um espaço importante para o desenvolvimento de aprendizagens, pois é através dele que o educador percebe quais as estratégias que necessita de desenvolver para obter sucesso no processo de aprendizagem.

Relativamente às planificações, são muito diferentes das do 1.º CEB no que se refere à sua estrutura, contudo tinham os mesmos princípios, ou seja, o que queríamos ensinar, os objetivos que queríamos atingir, como geríamos o tempo, os materiais e as estratégias adotadas. Todas as planificações tinham um tema, mediante a época em que estávamos. Muitas das vezes as nossas práticas não se limitavam apenas à nossa sala, mas sim a todas as salas da Educação Pré-Escolar, promovendo assim o contacto entre todas as crianças e fazendo com que estas explorassem e apresentassem trabalhos em grupo.

Após cada prática era realizado um relatório crítico reflexivo que englobava os três dias da semana dinamizada. Estes relatórios eram resultado das nossas reflexões

peçoais, e das críticas construtivas das colegas do grupo, da educadora cooperante e dos professores supervisores. Estes, mais do que ninguém podiam auxiliar-nos a melhorar o nosso trabalho, visto que observavam e ajudavam a refletir sobre as nossas práticas.

Para além das práticas já mencionadas, um outro trabalho desenvolvido foi a elaboração de uma avaliação das crianças. Isto é, analisamos e refletimos sobre as aprendizagens de cada criança.

Podemos afirmar que a relação que foi estabelecida com as crianças, foi bastante positiva e que o grupo sempre aceitou e lidou bem connosco, contudo foram sentidas algumas dificuldades em gerir algumas atitudes de uma ou outra criança, nomeadamente o seu comportamento. Algumas vezes este comportamento fazia com que dificultasse o desenvolvimento e condução das dinamizações. Contudo, não fez com que nos tivesse feito desanimar ou desviar o nosso gosto pelas nossas práticas e relação com as crianças, pois estas atitudes são normais nestas idades e é também com estas atitudes que nós aprendemos a interagir com as crianças.

Com isto, podemos dizer que todas as práticas desenvolvidas contribuíram para a construção de bons alicerces para a nossa prática profissional futuramente, nomeadamente, capacidades e atitudes a desenvolver. Trabalhar com crianças de Educação Pré-Escolar pode ser exaustivo, pois gerir e promover aprendizagens com um grupo de crianças entre os 3 e os 6 anos de idade é uma tarefa árdua que requer muita prática no que respeita à gestão relacional, mas são sem dúvida alguma os melhores anos para se trabalhar.

2.3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos

No que diz respeito aos documentos orientadores de Educação Pré-Escolar, destacamos as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), que distingue três áreas de conteúdo, designadamente Formação Pessoal e Social, Expressão/Comunicação e Conhecimento do Mundo, sendo que o conteúdo de Expressão/Comunicação está dividido em vários domínios como Expressão Físico-Motora, Expressão Dramática, Expressão Musical e Expressão Plástica, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Matemática.

Destaca-se também o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, que aprova o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º CEB, e define o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância que define competências a desenvolver pelo educador no âmbito da expressão, da comunicação e do conhecimento do mundo.

Segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 2016) “a ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intencionalidade, que implica uma reflexão sobre as finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas, os modos como organiza a sua ação e a adequa às necessidades das crianças. Esta reflexão assenta num ciclo interativo - observar, planear, agir, avaliar - apoiado em diferentes formas de registo e de documentação, que permitem ao/a educador/a tomar decisões sobre a prática e adequá-la às características de cada criança, do grupo e do contexto social em que trabalha.”

As competências e conhecimentos profissionais que alcançámos foram: organização de materiais e o espaço, utilizando-os como recursos de modo a promover aprendizagens e experiências às crianças; utilização de recursos das TIC para contar histórias, ouvir músicas, ver vídeos e realizar alguns jogos; observação de crianças em grupo e individualmente de modo a planificar e criar atividades ajustadas à faixa etária e as suas necessidades; análise e avaliação das intervenções, das medidas adotadas, dos recursos utilizados bem como das aprendizagens que as crianças alcançaram; relação com as crianças de modo a promover-lhes segurança e autonomia que precisavam para se sentirem bem com elas mesmas.

Todo o trabalho desenvolvido na PES, permitiu-nos colocar, observar e evidenciar a importância e o impacto que todas as fases têm na prática profissional de um educador de infância, possibilitando assim competências e aprendizagens para a nossa formação.

No geral, pode-se afirmar que a experiência vivida no tempo de estágio permitiu realizar aprendizagens no que respeita ao papel do educador de infância. Porém, com a prática profissional é que poderemos aprender mais e melhor as falhas que certamente ainda podem existir. Segundo Paulo Freire (s.d., cit. Por Fernandes, 2001), as qualidades mais importantes num educador são “a coerência, a humildade, a tolerância, a competência, o rigor, a paixão, o respeito pelos saberes e pelas diferenças culturais dos/as educandos/as e o comprometimento com a história como possibilidade-esperança, ou seja com a transformação progressiva da sociedade” (p.36), e ainda termos a capacidade de nos adaptar às mudanças e às novas realidades.

PARTE II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Introdução

A segunda parte deste trabalho é elaborada com o intuito de dar resposta aos objetivos principais da investigação, direcionados para a identificação de indicadores que denotem a existência/inexistência de sensibilidade das crianças face às questões ambientais. Trata-se de caracterizarmos nas crianças aspetos reveladores de preocupação com a preservação da natureza e de promovermos a sensibilização ambiental através de atividades práticas.

Assim, nesta parte do trabalho, “Sensibilização ambiental: Atividades práticas com crianças em idade pré-escolar” apresentamos seis capítulos referentes a aspetos essenciais à questão problema da nossa investigação.

O primeiro capítulo, “definição do problema”, mostra uma delimitação do objeto de estudo, bem como a justificação e a relevância da sua pertinência. O segundo capítulo apresenta apenas os objetivos que pretendemos atingir com a sua realização.

No terceiro capítulo apresenta-se de uma forma mais detalhada toda a revisão da literatura. Neste capítulo pretendemos mostrar uma reflexão com o apoio de vários autores consultados, referente ao conceito de educação ambiental, a educação ambiental na educação pré-escolar, bem como a conceção de meio ambiente.

No que concerne ao capítulo quatro, este aborda todos os tópicos essenciais para a realização da investigação, de modo a recolher informações para o desenvolvimento do estudo. Identifica-se o tipo de investigação, os participantes do estudo e a justificação dessa mesma escolha, as técnicas e os instrumentos de pesquisa, explica-se as atividades a desenvolver e por fim a análise e o tratamento de dados.

Todos os dados recolhidos foram analisados no capítulo cinco, “apresentação e discussão dos resultados”. Aqui foram apresentadas as entrevistas e as atividades realizadas, bem como as suas resoluções e respostas das crianças. Por fim, no capítulo seis, foram apresentadas as conclusões do estudo.

1. Definição do problema

1.1. Delimitação do objeto de estudo

Toda a investigação científica tem início com a escolha e definição de um problema.

O planeta Terra, onde existem mais de 7 bilhões de pessoas que ocupam um limitado espaço, é descrito como um lugar onde existem discrepâncias e é marcado com profundos problemas sócio ambientais. De acordo com Carrega (2010, p.5) problemas como o crescimento demográfico e a desigual distribuição da população humana, as diferenças entre os grupos humanos, os padrões de consumo de parte da população e o seu embate ambiental tornam notória a situação de emergência planetária a que chegámos e que temos de enfrentar.

Segundo Pinho (2016), as crianças reparam atentamente em cada ação promovida pelos adultos e absorvem muito mais informações através da visão do que por qualquer outro sentido. E esse é o primeiro passo para se começar a consciencialização das crianças no que diz respeito à preservação do meio ambiente.

Como refere Lima (2015), “considerando que é durante a infância que se desenvolvem valores e atitudes sustentáveis para a vida, torna-se necessário que o educador reflita sobre o seu papel no desenvolvimento de iniciativas de sensibilização e educação com o intuito de promover a consciência ambiental da criança.”

A partir desta linha de pensamento este estudo recairá sobre a seguinte questão: “Será que as crianças em idade pré-escolar estão sensibilizadas para as questões ambientais?”

1.2. Justificação e relevância do estudo

Como refere Oliveira (1992, p.8) todos os dias são divulgadas notícias sobre problemas como a poluição, o abate indiscriminado de espécies animais, a destruição de importantes formações vegetais, a degradação do ambiente. E o(s) problema(s) parece(m) ter duas soluções possíveis e, aparentemente, complementares: medidas a curto prazo, por vezes drásticas (coercivas e/ou punitivas) e medidas preventivas a longo prazo (Educação).

Na Educação Ambiental, os conceitos devem ser organizados desde o ambiente e a sustentabilidade até à capacidade para agir e à participação, da cidadania, passando

pelos valores, motivação e responsabilização. Assim, ao formar as crianças nesta matéria, a Educação Ambiental vai contribuir para a consciência dos valores de cada um, através da observação dos seus atos no quotidiano, possibilitando uma ação consciente e responsável, bem como uma reflexão e ponderação mais profunda que caracterize as suas decisões (Maricato & Pedro 2008b).

De acordo com as metas de aprendizagem, a área do conhecimento do mundo está subdividida em três domínios: Localização no espaço e no tempo, Conhecimento do ambiente natural e social e Dinamismo das inter-relações natural-social. Mas este estudo irá evidenciar-se mais no domínio de Dinamismo das inter-relações natural-social, pois é onde se focaliza mais o assunto da sensibilização ambiental, “a criança descreve a importância da separação dos resíduos sólidos domésticos, identificando os materiais a colocar em cada um dos ecopontos”; “a criança manifesta comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente, indicando algumas práticas adequadas (exemplos: não desperdiçar água e eletricidade; não deitar papeis e outros resíduos para o chão).”

Ainda Maricato e Pedro (2008b) consideram que a Educação Ambiental consiste num pilar importante na educação para a cidadania, para a participação na política nacional, mobilizando movimentos de cidadãos capazes de influenciar os dirigentes dos países desenvolvidos para políticas e ações favoráveis ao ambiente e para formas de colaboração solidária com os países e povos que enfrentam problemas do nível da sobrevivência, levando a sociedade a refletir e a tentar resolver os problemas nesta área de forma concertada e responsável.

Para Pinho (2016), sensibilizar as crianças para a preservação do meio ambiente precisa de técnicas e atividades que despertem a curiosidade, a criatividade e interação, levando a uma aprendizagem divertida e descontraída.

A brincar vamos levar as crianças a entrarem em contacto com aspetos subtis da natureza e aprofundar as suas relações consigo mesma, com o outro e com o mundo natural que a rodeia. É nesta experiência pessoal, direta, única que a criança desperta a curiosidade e o entusiasmo para com a Natureza, pois assim entende e grava na sua memória noções e valores de preservação e proteção (Lima, 2015).

Assim, considera-se pertinente investigar sobre a sensibilização ambiental nas crianças em idade de pré-escolar, pelo facto de estarem em processo de formação de personalidade. Desta forma, procura-se dar respostas a determinadas questões, tais como:

- As crianças em idade pré-escolar estão sensibilizadas para as questões ambientais?
- As crianças em idade pré-escolar mostram preocupação em preservar a natureza?
- Que ações podem ser desenvolvidas com crianças em idade pré-escolar, de forma a promover a sua sensibilização ambiental?

2. Objetivos da investigação

Tendo por base a problemática a abordar neste estudo, já referida anteriormente, são definidos os seguintes objetivos gerais:

- Identificar aspetos que denotem a existência/inexistência de sensibilidade de crianças em idade pré-escolar face às questões ambientais.
- Caracterizar aspetos reveladores de preocupação com a preservação da natureza, em crianças em idade pré-escolar.
- Promover a sensibilização ambiental em crianças em idade pré-escolar, através do desenvolvimento de atividades práticas.

3. Revisão da literatura

3.1. Meio Ambiente

Em todo o lugar onde possamos procurar a maioria das pessoas parece saber claramente o conceito de ambiente. Desde a noção de “tudo o que nos rodeia” até à conceção mais organizada e complexa de “conjunto de aspetos que nos rodeiam, com que interagimos”. O ambiente é pensado e concebido como algo estático, como o lugar onde os fenómenos acontecem e estando dissociado do próprio Homem. No entanto, é uma noção muito abrangente, uma vez que contempla todo o meio no qual vivemos, tanto o meio natural como o criado pelo Homem. O conceito de ambiente abrange a totalidade do planeta e os elementos que o compõem: «conjunto de sistemas físicos, químicos e biológicos e dos fatores económicos, sociais e culturais com efeito direto ou indireto, mediato ou imediato, sobre os seres vivos e a vida quotidiana no Homem» (Lei de Bases do Ambiente, 1987, art. 5º; Reis, 1992). (Gonçalves; Pereira, R.; Azeiteiro; Pereira, M., 2007)

Para Scardua (2009), meio ambiente não se resume a recursos naturais, nem tão pouco ao que está ao redor do homem, pois este é parte desse meio, integrando-o e interagindo com ele. O Homem faz parte do meio ambiente, devendo portanto cuidar, preservar e mantê-lo para que as futuras gerações também possam usufruir de forma sustentável.

A ligação do Homem com a natureza foi-se tornando mais complexa, à medida que a sociedade tecnológica exigia uma maior exploração dos recursos naturais.

A conceção atual de desenvolvimento remonta ao modelo seguido desde a Revolução Industrial, com o esgotamento dos recursos naturais, provocando mudanças ambientais de grande dimensão, em curto espaço de tempo. O Desenvolvimento Sustentável implica um modelo compatível com a ecosfera, que seja menos exigente para com os recursos naturais diminuindo de forma significativa os efeitos das suas atividades (Gonçalves et al., 2007).

Os problemas ambientais, durante muito tempo, eram quase desconhecidos, não tinham qualquer importância uma vez que a humanidade acreditava que a natureza seguia sempre as mesmas regras. O Homem inicialmente era deslumbrado com os recursos naturais e mais tarde com crescente poderio da Ciência e da Tecnologia, pouco se preocupou com os efeitos que estas poderiam vir causar. Aqui eram apelidados de conservador ou retrógrado todas as pessoas que punham em causa a ciência e a tecnologia e os seus efeitos.

É necessário rever a forma como o homem vem tratando o meio ambiente. Desmatamento, queimadas, caça e pesca predatórias, perda da biodiversidade, poluição em diversos níveis, extração irregular, desperdício de água, resíduos líquidos e sólidos tendo uma finalidade inadequada, entre outros problemas que estão acabar com a saúde do planeta, produzindo assim mudanças climáticas até mesmo guerras influenciando a economia global (Scardua, 2009).

Hoje, a deterioração do ambiente é um assunto importante nos órgãos de comunicação social; é, também, uma preocupação de várias organizações internacionais, assim como um problema central para o poder político. É absolutamente necessário fazer uma mudança e nada melhor do que esclarecer, levar à participação e educar para a sustentabilidade. É importante alertar e esclarecer todos os intervenientes para o caminho que deve ser seguido para melhorar as condições ambientais do planeta, para uma melhor vivência em harmonia com o ambiente. Assim, a escola constitui um meio privilegiado para fazer este esclarecimento e veicular esta mensagem e os valores ambientais. A educação tende a fomentar no indivíduo uma dupla atitude de respeito por si próprio e pelo meio em que vive. O esclarecimento das camadas mais jovens será a forma mais eficaz de transmitir esta mensagem e lançar este alerta, contribuindo para a formação de jovens mais esclarecidos e mais responsáveis (Gonçalves et al., 2007).

Neste momento não só é atual falar de Educação Ambiental (EA), como é urgente promovê-la e concretizá-la. Da sua aplicação prática, em especial junto dos jovens, dependerá sem qualquer sombra de dúvida o futuro de todos.

A consciencialização ambiental, fez aparecer um conjunto de questões relevantes para o desenvolvimento do currículo educativo. Assim, sendo, o despertar para esta consciencialização deverá fazer parte integrante da formação de jovens cidadãos informados e ativos, incrementado a preocupação com os problemas ambientais. A EA está inserida em toda esta problemática uma vez que se ocupa exatamente com a formação de cidadãos informados, esclarecidos e participativos. O seu aparecimento é o resultado de múltiplas alterações demográficas e da alteração no padrão de uso dos recursos naturais, associadas a um desenvolvimento tecnológico muito rápido e por vezes exagerado. O seu crescimento e notoriedade deveu-se fundamentalmente à promoção de abordagens educacionais inovadoras e da atenção crescente dada aos aspetos humanos do sistema (Gonçalves et al, 2007).

3.2. Educação Ambiental

A EA visa formar seres humanos que se preocupem com os problemas ambientais, que se certifiquem em conservar e preservar a natureza.

A EA fez e faz parte da formação de cada um de nós, do nosso crescimento pessoal e da progressiva ampliação do campo intersubjetivo que estrutura as relações entre as pessoas e dá sentido à visão do mundo de um de nós (Cavaco, 1992, p.15). Assim, cada pessoa modela-se à relação com a natureza, tendo assim os seus próprios hábitos, costumes e valores que ganhou com a sua sociedade. Segundo o mesmo autor, é no sentido desta perspectiva que desde há muito se têm vindo a apresentar razões para que se concretizem modelos educativos que tenham em conta o valor do ambiente como recurso pedagógico.

Já Gaudiano (2006, citado por Maricato & Pedro, 2008a) refere que a “educação ambiental, pressupõe um bom conhecimento do meio/ambiente (conteúdos) utilizando, sobretudo nas primeiras idades, a observação direta do próprio meio/ambiente (recurso pedagógico-didático).”

É de salientar que “a educação ambiental tem metas mais alargadas que ultrapassam o nível do conhecimento directo do meio. Pretende-se que o alvo das práticas educativas atinja o nível das atitudes e valores para com esse meio/ambiente. Através do conhecimento directo do meio, pretende-se o desenvolvimento de novas atitudes para com o ambiente: conscientes, reflectidas e comprometidas” (Máximo-Esteves, 1998, citado por Maricato & Pedro, 2008a).

Existem alguns marcos fundamentais na educação ambiental tais como:

- 1970, é dada uma primeira definição de Educação Ambiental, nos EUA, é o “processo que consiste em reconhecer valores e clarificar conceitos com o objectivo de incrementar as atitudes necessárias para compreender e apreciar as inter-relações entre o Homem, a sua cultura e o meio biofísico.” (Caeiro 1998, p.73);
- 1972, na Conferência de Estocolmo, reconsiderou-se o conceito de EA “valorizando a componente humana do património histórico e cultural ao distinguir a dupla dimensão do meio compreendendo tanto as componentes naturais do planeta como os espaços modificados pelo homem” (Novo, citado por Cavaco, 1992, p.21);
- 1977, com a Conferência de Tiblisi, segundo Calvo e Corraliza (1996, citado por Martins, 2006, p.37) o princípio resultante foi “estimular a consciência e a

preocupação sobre a interdependência económica, política e social nas áreas urbanas e rurais, proporcionando a cada pessoa a oportunidade de adquirir conhecimentos, valores, atitudes e as capacidades necessárias para a protecção do ambiente, por forma a promover novas formas de comportamento dos indivíduos, dos grupos e das sociedades.”;

- 1984, foi criada uma Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento, agregando 21 países diferentes;
- 1992, no Rio de Janeiro, realizou-se a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e Desenvolvimento, onde surgiu o alerta para a necessidade de serem criados acordos de carácter internacional que observassem os interesses de todos no respeito pelo ambiente global;
- 1996, o Conselho Nacional do Meio Ambiente definiu Educação Ambiental, como um processo de formação e informação, conduzida para o desenvolvimento da consciência sobre as questões ambientais;
- 1997, decorreu a Conferência Internacional sobre Ambiente e Sociedade, organizada pela UNESCO, onde foi reafirmada a importância que deve ser dada às recomendações originadas nas anteriores conferências bem como a importância da EA e da consciencialização pública como forma de alcançar os objetivos do desenvolvimento sustentável;
- 2002, foi realizada a Conferência Mundial sobre o desenvolvimento sustentável, em Joanesburgo;
- 2007, na Índia realizou-se a “Quarta Conferência Internacional sobre Educação Ambiental”. Ficará conhecida como Tbilisi + 30 onde se desenvolveu a temática “Educação Ambiental para um Futuro Sustentável – Parceiros para a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.”;
- 2012, no Rio de Janeiro, foi realizada a A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, ficou conhecida porque marcou os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas.

De acordo com Martins (2006, p.32), “o conceito de Educação Ambiental tem tido uma evolução assinalável no seu significado. No começo assume um carácter naturalista, que integra a defesa do regresso ao passado e a recusa do desenvolvimento. Atualmente significa um equilíbrio entre o meio natural e o Homem, com vista à

construção de um futuro pensado e vivido numa lógica de desenvolvimento e progresso”.

É através da educação que o indivíduo vai atingindo certos comportamentos e interiorizando um certo quadro de valores. A Educação Ambiental, especificamente, tende a fomentar no indivíduo uma dupla atitude de respeito por si próprio e pelo meio em que vive (Oliveira, 1992, p.8).

Segundo Scardua (2009), o conceito de EA vem mudando conforme muda o conceito de meio ambiente. Antes não havia a ideia de que os recursos pudessem se esgotar, apenas quando os problemas ambientais começaram a incomodar, mostrando as consequências de um uso inadequado, é que se começou a pensar na necessidade de uma educação voltada para conhecer e ao menos minimizar tais problemas. Dessa forma o homem passou, aos poucos, a entender que existe um retorno de tudo o que se faz ao meio ambiente.

Ao esclarecer-se o conceito de educação ambiental acha-se por bem definir também o conceito de sensibilização ambiental, pois, as Organizações Governamentais têm uma certa tendência para realizar ações de esclarecimento da opinião pública, utilizando bons suportes publicitários dirigidos às massas, seguindo temas ambientais. Visa fundamentalmente alertar as populações para os problemas objetivos em apreço, por vezes visando mesmo a mudança de atitudes, mas segundo um processo a que não se pode chamar educativo (Caeiro 1998, p.84).

A educação ambiental inserida dentro da escola atua na sensibilização do aluno na procura de uma nova postura que o familiarize com a natureza e os seres vivos nela existentes, dando assistência ao aluno para uma realização crítica do comportamento do homem, que tem levado à degradação inconsequente dos recursos naturais. Alertando os alunos para essa visão, de que a natureza pode se exaurir e de que suas reservas são finitas e precisam ser utilizadas de maneira racional (Andrade, 2000, citado por Lopes 2011). A sensibilização produzida na escola pode se divulgar por outros lugares abrangendo toda a comunidade local na qual residam os alunos, e essa inter-relação é bastante favorável para a aplicabilidade da educação ambiental em diversos aspetos e por diferentes pessoas (Guerra, 2009, citado por Lopes 2011).

3.3. Educação Ambiental na Educação Pré-Escolar

Como dissemos na justificação do tema do projeto, é muito importante que desde cedo as crianças se interessem pelo ambiente, bem como por o proteger. Como referem as Orientações Curriculares na Educação Pré-Escolar (OCEPE) (2016, p.88),

“Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já sabe muitas coisas e construiu algumas ideias não só sobre o mundo social e natural envolvente, mas também sobre o modo como se usam e para que servem objetos, instrumentos e máquinas do seu quotidiano...”

No que refere à EA, as OCEPE (2016, p. 93) afirmam que esta

“(...) o contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características, as suas transformações e as razões por que acontecem. Este conhecimento poderá promover o desenvolvimento de uma consciencialização para a importância do papel de cada um na preservação do ambiente e dos recursos naturais.”

Segundo Scardua (2009), o papel da EA é fundamental para trabalhar valores nas crianças que transformem as suas atitudes perante o meio ambiente. E uma boa opção de se começar é implantar a EA na Educação Infantil. Não será uma tarefa difícil pois deve-se considerar que as crianças adoram o contato com a natureza – plantas, bichos, árvores, insetos, qualquer ser vivo é admirado pela criança e isso deve ser aproveitado ao máximo.

“O jardim-de-infância, deve sensibilizar a criança a construir valores que conduzam a uma convivência regular com o ambiente e com as espécies que habitam o planeta, auxiliando-a a analisar criticamente princípios que têm levado à destruição inconsequente dos recursos naturais e de várias e diferentes espécies” (Simões, 2013, p.29). Assim é preciso preparar as crianças para o seu futuro como seres humanos, com capacidade de atuar, saber usar o seu conhecimento e fundamentalmente saber viver em comunidade. O jardim-de-infância sensibiliza e consciencializa as crianças para

ações ambientais, podendo assim, segundo o mesmo autor, “dar sequencia ao seu processo de socialização com a prática de comportamentos ambientalmente corretos aprendidos na prática da vida escolar, contribuindo assim para uma boa integração na comunidade como cidadãos responsáveis, livres e autônomos.”

Como refere Lima (2015), o educador, de forma natural, desenvolve nas crianças conhecimentos, habilidades que lhes permitem enfrentar a problemática ambiental dos dias de hoje, construindo uma cultura de afeto com o mundo natural. A partir da compreensão de conceitos adquiridos em contexto de sala, o educador deve proporcionar, posteriormente, vivências diretas no meio onde a criança está inserida, onde esta cria as suas próprias experiências, constrói uma relação afetiva e intrínseca com o meio, promovendo a sua identidade, autonomia e criatividade. Ao criar uma afinidade da criança com a natureza, com atividades de sensibilização integradas, promove a educação para a preservação.

É importante despertar o interesse das crianças pelo ambiente, para os problemas do mundo, procurando assim criar uma aprendizagem, para que estas sintam curiosidade em pesquisar sobre estas questões.

Como é referido nas OCEPE (1997, p.84) “o educador tem um papel fundamental na escolha dos assuntos a desenvolver importa que esta decisão, quer a ideia inicial parta dos interesses das crianças, quer de uma proposta do educador, seja negociada com o grupo, mais ou menos alargado, que está interessado em participar.”

O educador para trabalhar a educação ambiental deve ter em conta os seguintes pontos:

- Domínio: Dinamismo das Inter-Relações Natural-Social

Meta Final 32) No final da educação pré-escolar, a criança descreve a importância da separação dos resíduos sólidos domésticos, identificando os materiais a colocar em cada um dos ecopontos.

Meta Final 33) No final da educação pré-escolar, a criança manifesta comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente, indicando algumas práticas adequadas (exemplos: não desperdiçar água e eletricidade; não deitar papeis e outros resíduos para o chão).

4. Metodologia

4.1. Tipo ou plano de investigação

Tendo os objetivos como base deste estudo, a investigação descrita incidirá sobre um estudo qualitativo, em que segundo Bogdan e Taylor (1986, citado por Martins, 2006, p.69), “o investigador deve estar completamente envolvido no campo de acção dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes.”

A nível conceptual, a investigação qualitativa, trata-se de pesquisar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores mediadores no processo (Coutinho, 2014).

A nível metodológico, baseia-se no método indutivo “porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da ação, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto” (Pacheco, 1993, citado por Coutinho, 2014, p.28).

Segundo o mesmo autor investigar envolve compreender ações de quem é também intérprete, envolve interpretações de interpretações. A investigação é como “uma fusão de horizontes, consciente das suas ideias pré-concebidas, o investigador busca continuamente o conhecimento abrindo a sua a outras perspectivas que com ele se funde, completam e expandem”.

A investigação que será realizada neste estudo será de carácter descritivo que tem como objetivo principal descrever os fenómenos, utilizando procedimentos descritivos e envolve grande variedade de estudos (Coutinho, 2014).

Este estudo será mais direcionado para entrevistas às crianças e irão ser realizadas algumas atividades para abordar este mesmo assunto.

4.2. Participantes e justificação da sua escolha

Este estudo teve como amostra onze crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade, ou seja um grupo de crianças que frequenta o jardim-de-infância de um agrupamento de escolas do concelho de Viseu, onde foi recolhida a informação para que posteriormente fosse estudada e analisada. Consistindo assim em duas meninas de três anos, um menino de três anos, um menino de quatro anos

duas meninas com quatro anos, duas meninas de cinco anos e dois meninos de cinco anos e ainda um menino de seis anos. (Tabela 1)

A escolha dos participantes do estudo e do local estão subjacentes à frequência da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada.

A investigação proposta realizada foi um estudo onde se pretende perceber se as crianças em idade pré-escolar têm sensibilidade para as questões ambientais, se mostram preocupação em conservar a natureza e se a respeitam.

Tabela1 – Caracterização dos participantes no estudo.

Idade Sexo	3 anos	4 anos	5 anos	6 anos	Total
Feminino	2	2	2	-	6
Masculino	1	1	2	1	5
Total	3	3	2	1	11

4.3. Técnicas e instrumentos de pesquisa

A entrevista foi o principal instrumento de recolha de dados da presente investigação (cf. Anexo 1). Uma entrevista centrada no problema é uma entrevista realizada através de recolha de dados, centrando-se apenas numa questão específica (Pardal & Lopes, 2011).

A realização da entrevista teve o intuito de compreender quais as conceções das crianças sobre o meio ambiente e a sua importância, sendo de seguida desenvolvidas atividades práticas e investigativas sobre a mesma temática (cf. Anexo 2).

Como refere Coutinho (2014), a entrevista vai possibilitar o contato direto entre o investigador e o entrevistado, possibilitando assim que o investigador adapte as questões caso sinta necessidade. É um instrumento de recolha de dados que permite recolher respostas de um determinado assunto, que se baseia em pergunta-resposta.

Para a utilização da entrevista foi utilizado um guião (cf. Anexo 1) onde, de acordo com Coutinho (2014), estão contidas as questões e a respetiva sequência das mesmas.

Na realização das atividades e das discussões recorreu-se à observação participante. Segundo Máximo-Esteves (2008), a observação possibilita-nos perceber e conhecer diretamente o que queremos estudar.

Na observação participante, Pardal e Lopes (2011) referem que o observador participa de forma ativa, o que lhe vai permitir acompanhar e conhecer melhor a questão em estudo.

4.4. Atividades desenvolvidas

Segundo Cruz (2012), as atividades de ciências permitem desenvolver o conhecimento e através destas o educador poderá estimular a curiosidade, o desejo de saber mais, compreendendo os fenómenos naturais, que ocorrem no quotidiano. As atividades científicas, deverão surgir de situações que as crianças têm de interpretar, compreender e resolvem verificando os seus interesses e as suas ideias, acerca de assuntos estudados, portanto, as situações de diálogo devem estar presentes, entre os participantes, confrontando-se estas conceções prévias, com a informação disponível e a evidência experimental.

As atividades foram desenvolvidas por todas as crianças da sala, com o apoio da educadora e sob a orientação da investigadora.

A primeira atividade está dividida em quatro partes, a primeira parte começou com a visualização de 2 vídeos “O Ruca vai à praia” e “O passeio de canoa do Ruca”. De seguida, explorámos os vídeos através de um diálogo, questionámos as crianças sobre o que é que se tratavam os vídeos, quem eram os personagens, onde se desenrolava e pedíamos ainda para nos identificarem os tipos de meio ambiente existentes nos mesmos. Na segunda parte, foi pedido às crianças para elaborarem registos gráficos individuais sobre outros tipos de meio ambiente que conhecem. Na terceira parte foi feita uma afixação dos registos gráficos efetuados pelas crianças, no placar da sala. Na última parte desta atividade foi estabelecido um diálogo com as crianças sobre os registos gráficos, pedindo a cada criança que identificasse o meio ambiente que desenhou.

A segunda atividade também teve quatro partes, que começou com a leitura da história “Os 3 R’s: reutilizar, reduzir, reciclar”, explorámos também a história, sobre o que se tratava, quais eram as personagens, e onde se desenrolava. Na segunda parte, foi feito um cartaz com regras amigas do ambiente, dentro e fora do jardim, estas regras

foram feitas ou criadas pelas crianças. Na terceira parte afixámos o cartaz no placar da sala. Posteriormente, na quarta parte, foi promovido um diálogo com as crianças sobre as regras que criaram.

A terceira atividade teve três partes, onde começamos por um diálogo com as crianças sobre a reciclagem e os ecopontos, se sabiam reciclar, para que servia cada ecoponto, pois algumas crianças nas entrevistas disseram que faziam reciclagem em casa. Na primeira parte desta atividade foi feito um jogo “a reciclagem”, que consistia em cada criança procurar embalagens no chão do recreio e, posteriormente, colocar a embalagem que encontrou no ecoponto correto. A segunda parte da atividade consistiu na construção de brinquedos com as embalagens do jogo anterior. Na última parte foi feita uma exposição dos brinquedos que cada criança construiu.

4.5. Análise e tratamento de dados

O tratamento de dados foi efetuado através da análise de conteúdo das entrevistas, do diário de bordo da investigadora e da observação, efetuados a partir de registos orais e visuais, baseados nas características que as crianças consideraram.

Como referem Pardal e Lopes (2011), a análise documental é uma técnica importante e indispensável a qualquer investigação.

A análise dos dados foi essencialmente qualitativa, em que a descrição foi utilizada para perceber as mudanças eventualmente ocorridas nas conceções das crianças.

5. Apresentação e discussão dos resultados

A 1ª fase da investigação foi a entrevista (cf. Anexo 1) realizada às onze crianças que constituíram a amostra do estudo, de modo a perceber quais as concepções que tinham sobre o meio ambiente.

Relativamente à pergunta 1.1, as crianças tinham de observar 3 imagens, cada uma com meios ambientes diferentes (terrestre, aquáticos fluviais e marinhos), e de seguida tinham de os identificar.

"Diz o que observas nas imagens que representam os diferentes meios ambientes"

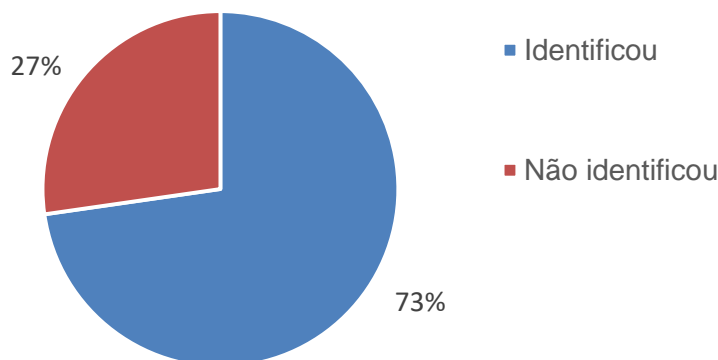


Figura 1: Resposta à pergunta 1.1.

Nesta pergunta, apenas três crianças (27%) não conseguiram identificar todos os tipos de meio ambiente, tiveram alguma dificuldade, na primeira imagem diziam mesmo que não sabiam, mas a maioria das crianças disse que era um rio (Fig. 1).

Na resposta à pergunta 1.2, onde questionávamos as crianças se costumavam passear pelos mesmos locais das imagens, quando e onde iam, a maioria disse que ia à praia nas férias, outras responderam que iam à floresta quando iam a casa dos avós e a resposta de uma ou duas crianças foi que já tinham ido ao rio. Perguntámos também o que elas entendiam por meio ambiente, verificando-se que nenhuma das crianças soube responder a esta pergunta.

Depois de explicarmos de uma forma muito simples o que era o meio ambiente, as crianças responderam à pergunta 2.

"Achas que o meio ambiente é importante para a nossa vida?"

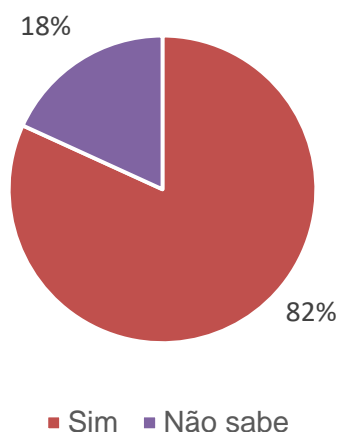


Figura 2: Resposta à pergunta 2.

Como se verifica na Fig.2, a quase totalidade das crianças (82%) responderam corretamente à pergunta. Apenas duas crianças não conseguiram responder, uma delas disse mesmo "não sei se o meio ambiente é importante para a nossa vida porque nunca pensei nisso".

Na pergunta 3, as crianças tinham de enunciar as suas práticas ambientais.

"O que fazes para proteger o meio ambiente?"



Figura 3: Resposta à pergunta 3.

Na resposta a esta pergunta (Fig. 3), todas as crianças enunciaram práticas ambientais do seu dia-a-dia. Mais de metade das crianças (55%) disse que não punha o lixo para o chão, a única criança que disse que fazia reciclagem (9%) respondeu: “Faço reciclagem, como o livro da Bia e do Kiko”; duas das crianças que responderam “não ponho lixo no chão e faço reciclagem” (36%), responderam mesmo “Não deito lixo no ambiente e faço reciclagem”, “Ponho o lixo no contentor e às vezes vou com o pai aos contentores separar”.

Na quarta e última pergunta, as crianças manifestaram as suas opiniões em relação aos comportamentos das outras pessoas (Fig. 4).

"Achas que todas as pessoas protegem o meio ambiente?"

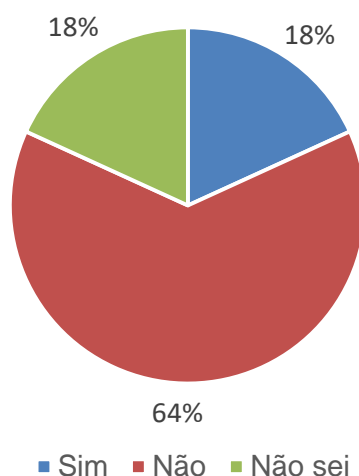


Figura 4: Resposta à pergunta 4.

A maioria das crianças tem a consciência que muitas pessoas não praticam qualquer tipo de atividade para proteção do meio ambiente, dizendo mesmo: “Não, porque há pessoas chatas e põem o lixo no chão”; “Não, porque há pessoas que não deitam o lixo no lixo e não fazem reciclagem” e ainda “Não, porque há pessoas que são porcas e outras não”.

Após a realização das entrevistas, as crianças desenvolveram uma sequência de atividades no âmbito da temática em estudo.

A primeira parte da primeira atividade, ou seja, a visualização dos vídeos, foi feita em pequenos grupos (cf. Anexo 2, Fig. 10). Após a visualização, as crianças foram questionadas sobre o tipo de meio ambiente que viram em cada vídeo, no primeiro

referiram todos que era a praia e no segundo uns disseram que era um lago e outros que era um rio. De seguida foi também feita a pergunta “Quais os animais e plantas que habitam em cada tipo de meio de ambiente?”, a maioria das crianças identificou os seguintes animais: gaivota, caranguejo, cavalos-marinhos, borboleta, caracol, libelinha, garça-real e castor. Em relação às plantas mencionaram nenúfares, juncos, árvores e algas.

Na segunda parte da primeira atividade, que consistia em desenhar um tipo de meio ambiente que não tivessem observado nos vídeos (cf. Anexo 2, Fig. 11), a maioria das crianças desenhou florestas, contudo duas crianças, uma de 5 e outra de 6 anos, disseram que os seus desenhos eram de matas.

Após a realização dos registos gráficos dos tipos de meio ambiente (cf. Anexo 2, Fig.12), estes foram afixados no placard da sala, com o intuito de realizar um diálogo sobre os registos, para que cada criança identificasse o meio ambiente que desenhou e, por fim, se conhecia outros tipos de meio ambiente. Uma criança de 5 anos referiu a selva e outra de 3 anos referiu o rio e a praia, pois não tinha percebido que esses já tinham sido referidos.

A primeira parte da segunda atividade começou pela leitura da história “Os 3 R’s: reutilizar, reduzir, reciclar” (cf. Anexo 2, Fig.14). Seguidamente, procedeu-se à exploração da história e à elaboração de regras amigas do ambiente pelas crianças: “Não deitar o lixo no chão” (criança de 3 anos); “Devemos fazer reciclagem” (criança de 3 anos); “Levar sacos quando vamos ao supermercado” (criança de 4 anos); “Fechar a torneira, quando estamos a lavar os dentes” (criança de 5 anos) e por último “Devemos usar as roupas, livros e brinquedos dos irmãos mais velhos” (criança de 5 anos).

Na segunda parte desta tarefa, construímos um cartaz com estas regras e afixado no placard da sala. De seguida, efetuámos um diálogo com as crianças, cujo objetivo foi perceber se essas regras eram cumpridas. Verificámos que a maioria das crianças cumpriam essas regras.

Na primeira parte da terceira atividade (cf. Anexo 2, Fig. 15), efetuámos um diálogo com as crianças sobre a reciclagem e os ecopontos. A maioria das crianças já sabia para que servia cada ecoponto, apenas as crianças mais novas sentiam mais dificuldade na seleção dos materiais correspondentes aos ecopontos amarelo e azul. Esta foi uma das atividades mais motivadora para as crianças, que inclusivamente pediram para a repetir várias vezes.

Na segunda parte da terceira atividade (cf. Anexo 2, Fig. 18), com as embalagens que utilizámos no jogo anterior, pedimos às crianças para construírem brinquedos com

esse tipo de materiais. As crianças usaram a sua imaginação, criando “casas, telescópios, cozinheiros, bonecos de neve, palhaços, castelos, jatos, carros, árvores e pessoas”. Posteriormente realizámos uma exposição (cf. Anexo 2, Fig. 19) com as suas construções para que os pais pudessem observar.

Por fim foi feita novamente a entrevista (cf. Anexo 1) às onze crianças que constituíram a amostra do estudo, de modo a perceber se as concepções iniciais tinham sofrido alterações.

Relativamente à pergunta 1.1, as crianças tinham de observar 3 imagens, cada uma com meios ambientes diferentes (terrestre, aquáticos fluviais e marinhos), e de seguida tinham de os identificar. Aqui constatámos que todas as crianças já conseguiam identificar todos os tipos de meios ambientes.

Na resposta à pergunta 1.2, já não questionámos as crianças se costumavam passear pelos mesmos locais das imagens, quando e onde iam, pois iriam responder a mesma coisa que mencionaram na primeira entrevista. Mas perguntámos o que entendiam por meio ambiente

"Costumas passear em locais como estes? O que entendes por meio ambiente?"

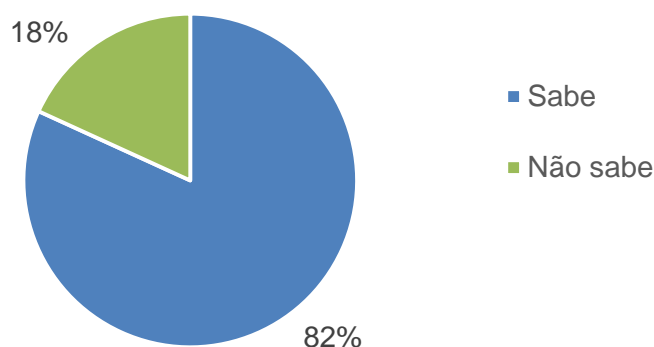


Figura 5: Resposta à questão 1.2.

A maioria das crianças de 4 e 5 anos (Fig. 5, 82%) disse que sabia o que era o meio ambiente e apenas uma criança de 3 anos também soube responder, dizendo “é onde o Ruca foi passear, a praia e o rio”. As outras duas crianças também de 3 anos não conseguiram dar uma resposta (18%).

Na resposta à pergunta 2, todas as crianças responderam que o ambiente era importante na nossa vida.

Já na terceira pergunta, para além das práticas referidas pelas crianças anteriormente à entrevista, foram identificadas outras práticas ambientais, designadamente: quando vão ao supermercado, levam sempre os sacos de casa e ainda fecham a torneira quando lavam os dentes.

Na quarta pergunta, as crianças manifestaram novamente as suas opiniões em relação aos comportamentos das outras pessoas

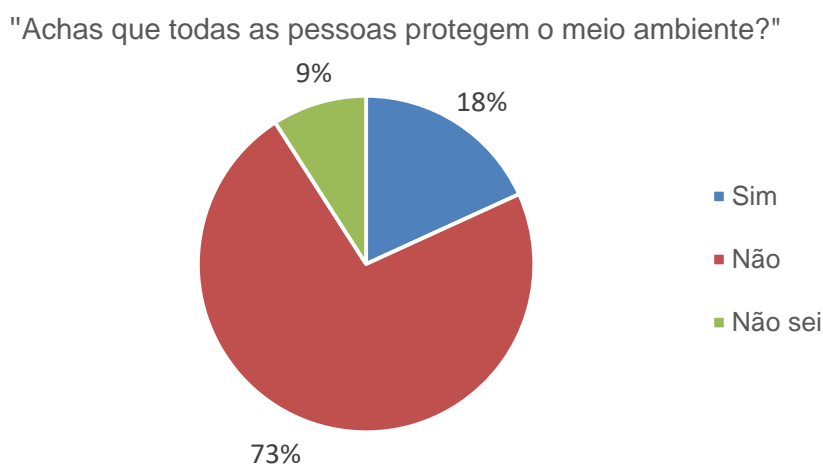


Figura 6: Resposta à pergunta 4.

Relativamente à pergunta 4, verificámos que houve um aumento na percentagem de crianças (73%) que respondeu que nem todas as pessoas protegem o meio ambiente (Fig. 6).

6. Conclusões do estudo

Recorde-se que com o estudo realizado se pretendia compreender se as crianças em idade pré-escolar são sensíveis ao meio ambiente e quais as práticas que elas têm. Para isso definiram-se inicialmente três questões que pretendiam apoiar a construção da resposta a esse problema, “As crianças em idade pré-escolar estão sensibilizadas para as questões ambientais?”, “As crianças em idade pré-escolar mostram preocupação em preservar a natureza?” e “Que ações podem ser desenvolvidas com crianças em idade pré-escolar, de forma a promover a sua sensibilização ambiental?”.

O trabalho permitiu retirar algumas conclusões que agora se procuram sintetizar.

As crianças demonstraram logo interesse na realização das atividades em que foi feito o jogo da reciclagem e na construção de brinquedos com as embalagens, que apelou para a sua criatividade.

As experiências de aprendizagem vividas pelas crianças relacionadas com o conceito de meio ambiente eram, no início deste estudo, muito escassas. No entanto, as crianças já tinham conhecimento prévio sobre a importância de meio ambiente para as nossas vidas e também sabiam o que era a reciclagem, apesar de algumas crianças de três anos se confundirem um pouco.

No início do estudo constatou-se, através das entrevistas, que as crianças não sabiam o significado de meio ambiente, mas com a atividade que realizámos, nomeadamente a visualização e discussão de dois vídeos, elas conseguiram perceber e fazer o seu registo gráfico sobre um tipo de meio ambiente que não tivesse incluído nos vídeos. A maioria das crianças optou por fazer “a floresta”, talvez por estar mais habituada a ouvir nas histórias infantis. Achamos, assim, que este objetivo da atividade foi atingido.

No que se refere às questões “As crianças em idade pré-escolar estão sensibilizadas para as questões ambientais?” e “As crianças em idade pré-escolar mostram preocupação em preservar a natureza?”, achamos que a resposta é positiva. Com a segunda atividade, as crianças demonstraram a sua sensibilização e preocupação com a preservação da natureza, o que foi percebido pelas regras que criaram e pela sua prática na rotina diária.

Relativamente à última questão “Que ações podem ser desenvolvidas com crianças em idade pré-escolar, de forma a promover a sua sensibilização ambiental?”, pensamos que, para este nível etário, as atividades lúdicas como as concebidas e realizadas no presente estudo são fortemente motivadoras para o crescente

envolvimento das crianças com a natureza e sua responsabilização para com a preservação e conservação do meio ambiente de uma forma global.

Relativamente às limitações desta investigação, podemos referir que os resultados obtidos apenas se baseiam em dados resultantes de uma pequena amostra em crianças de idade pré-escolar e de um curto período de tempo de implementação de atividades.

É de salientar que seria relevante desenvolver estudos posteriores, de forma a perceber se são notórias diferenças, no âmbito da temática em estudo: i) entre as crianças de 3 e 4 anos e as de 5 e 6 anos de idade; ii) no envolvimento de diversos tipos de famílias na conceção de atividades com as crianças, de forma a promover uma corresponsabilização com o meio ambiente.

Conclusão Final

Durante todo este percurso acadêmico, que contempla a Licenciatura em Educação Básica juntamente com o Mestrado em Educação Pré-Escolar e o ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, podemos afirmar que foram muitos os contributos que transportamos para nossa vida pessoal como para a profissional. Este caminho percorrido exigiu muito trabalho e sempre nos incentivou e desafiou a sermos reflexivos e sabermos reconhecer os pontos fortes e fracos das nossas práticas, tendo sempre em atenção que ensinamos mas também aprendemos. Este conhecimento ficará sempre para a nossa vida, reconhecendo e aceitando que as crianças não são todas iguais e que cada uma é única e devemos saber lidar com cada situação da melhor forma.

Sem dúvida que foi uma experiência única e muito positiva enquanto futuros profissionais da docência, pois permitiu conhecer melhor as especificidades de cada ciclo e experienciar o papel de profissionais. Neste sentido e sem hesitação podemos afirmar que a PES foi a unidade curricular que mais importância teve neste caminho, uma vez que nos proporcionou o contato direto com todos os intervenientes dos contextos onde futuramente pretendemos praticar.

Todo o estágio concebido foi uma mais-valia para a formação académica e sobretudo para um crescimento pessoal, havendo momentos de frustração quando o tempo escasseava e o trabalho era muito, mas havendo momentos de alegria e sensação de trabalho bem feito, principalmente quando víamos as crianças a corresponderem aos objetivos definidos.

A questão de investigação que colocámos foi “Que práticas favorecem a sensibilização ambiental de crianças em idade pré-escolar?”. Ao longo de todas as dinamizações apercebemo-nos que as crianças já estavam alertadas para a questão da sensibilização, pois à medida que eram questionadas se protegiam o ambiente, a maioria respondia que fazia reciclagem em casa, o que se considera um bom começo neste percurso de convivência com o meio ambiente. As crianças que ainda não tinham o hábito de desenvolver práticas ambientais, disseram que iam dizer em casa para começarem a fazer, o que demonstrou uma forte motivação para com a temática ambiental e o reforço da convicção de que o jardim-de-infância é, decerto, um contexto extremamente favorável à formação de cidadãos responsáveis e pró-ativos.

Defendemos, com este estudo, que é extremamente importante que as crianças desde cedo estejam envolvidas neste tipo de atividades, pois a proteção do ambiente

deve começar logo no início da nossa vida, pois cada vez mais o planeta precisa do nosso auxílio para evitar tragédias ambientais.

Resumindo, reportando-nos a ambas as partes deste relatório, afirmamos que se tornou benéfica a sua realização enquanto futura docente, uma vez que nos permitiu vivenciar situações que nos ajudaram a perceber o que serão as práticas futuras e a mobilizar conhecimentos que de outra forma poderia não acontecer, pois quando o trabalho é experienciado, o resultado é melhor e inesquecível.

Referências Bibliográficas

Alves, F., & Caeiro, S. (1998). *Educação Ambiental*. Lisboa: Universidade Aberta.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Carrega, M. (2014) *Contributos para a Educação Ambiental no Pré-Escolar: Promoção de parcerias comunitárias no planeamento de um projecto de educação não-formal a implementar no parque das conchas e dos lilases-lumiar*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Cavaco, H. (1992). *A Educação Ambiental para o desenvolvimento: testemunhos e notícias*. Lisboa: Escolar Editora.

Coutinho, C. (2014) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática (2ªed.)*. Coimbra: Edições Almedina.

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. Diário da República n.º 201/2001 – 1ª Série A. Ministério da Educação. Lisboa.

Fernandes, J. (2001). *Saberes, competências, valores e afectos: necessários ao bom desempenho profissional do/a professor/a*. Lisboa: Plátano.

Fernandes, J. (2008). *Educação Ambiental: Representações de jovens e professores face ao ambiente*. Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – Secção Ciências da Educação da Universidade Nova de Lisboa.

Fialho, I. (2007). *A ciência experimental no jardim-de-infância*. Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

Gonçalves, F., Pereira, R., Azeiteiro, U., & Pereira, M. (2007). *Atividades Práticas em Ciência e Educação Ambiental*. Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicas. Lisboa.

- Jacobi, P. (2003). *Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade*. Cadernos de Pesquisa, 118, 189-205, março. Brasil. Consultado em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>
- Lima, M. J. (2015). *Está na Natureza da criança....* Consultado em: <https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/paginas-especiais/educacao-pre-escolar/opiniao-pre/esta-na-natureza-da-crianca>.
- Lopes, T. (2011). *Educação Ambiental como Estratégia de Sensibilização Ambiental em uma Escola de Ensino Médio, Angicos/RN*. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Campus Angicos.
- Maricato, R., & Pedro, A. (2008a). *Representações sociais de educadores de infância e agentes especializados sobre educação ambiental: um cruzamento de interesses e intenções?* Departamento Ciências da Educação da Universidade de Aveiro.
- Maricato, R., & Pedro, A. (2008b). *O Princípio da Responsabilidade e(m) Educação Ambiental*. Universidade de Aveiro.
- Martins, M. (2006). *A componente ambiental na educação pré-escolar: As concepções das crianças de cinco anos sobre o ciclo da água*. (Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental). Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Martins, V. (2006). *Avaliação do valor educativo de um software de elaboração de partituras: Um estudo de caso com o programa Final no 1º ciclo*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Martins, I.; Veiga, M.; Teixeira, F.; Tenreiro-Vieira, C.; Vieira, R.; Rodrigues, A. & Couceiro F. (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental: Formação de Professores*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.

- Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré -Escolar*. Lisboa: Direção-Geral de Educação (DGE).
- Oliveira, L. (1992). *Educação Ambiental: Guia prático para professores monitores e animadores culturais e de tempos livres (3ª ed.)*. Lisboa: Texto Editora.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Porto Editora.
- Pinho, C. (2016). *Educação Pré-Escolar – Dia Mundial do Ambiente*. Consultado em: <https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/paginas-especiais/educacao-pre-escolar/opiniaopre/dia-mundial-do-ambiente>.
- Rodrigues, A. (2013). *Conceções das crianças sobre os seres vivos: atividades práticas e investigativas no jardim-de-infância*. (Relatório Final de Estágio). Escola Superior de Educação de Viseu.
- Roca, N. (2010). *Os 3 R's: reutilizar, reduzir, reciclar*. Vila Nova de Gaia: Editora Educação Nacional.
- Scardua, V. (2009). Crianças e meio ambiente: A importância da Educação Ambiental na Educação Infantil. *Revista FACEVV*. 3: p.57-64.
- Simões, A. (2013). *Educação Ambiental nos Jardins-de-infância*. (Relatório Final de Estágio). Escola Superior de Educação Viseu.

ANEXOS

Anexo 1: Guião da Entrevistas

Nome do Estabelecimento:

Código da criança:

Idade:

Sexo:

Data:

Questões:

1. Mostrar imagens de diferentes meios ambiente (terrestres, aquáticos fluviais e marinhos, ...)

Colocar as seguintes questões:

- 1.1. Diz o que observas nas imagens que representam os diferentes meios ambientes.
- 1.2. Costumas passear em locais como estes? Quando? Onde? O que entendes por meio ambiente?
2. Achas que o meio ambiente é importante para a nossa vida?
3. O que fazes para proteger o meio ambiente?
4. Achas que todas as pessoas protegem o meio ambiente? Porquê?

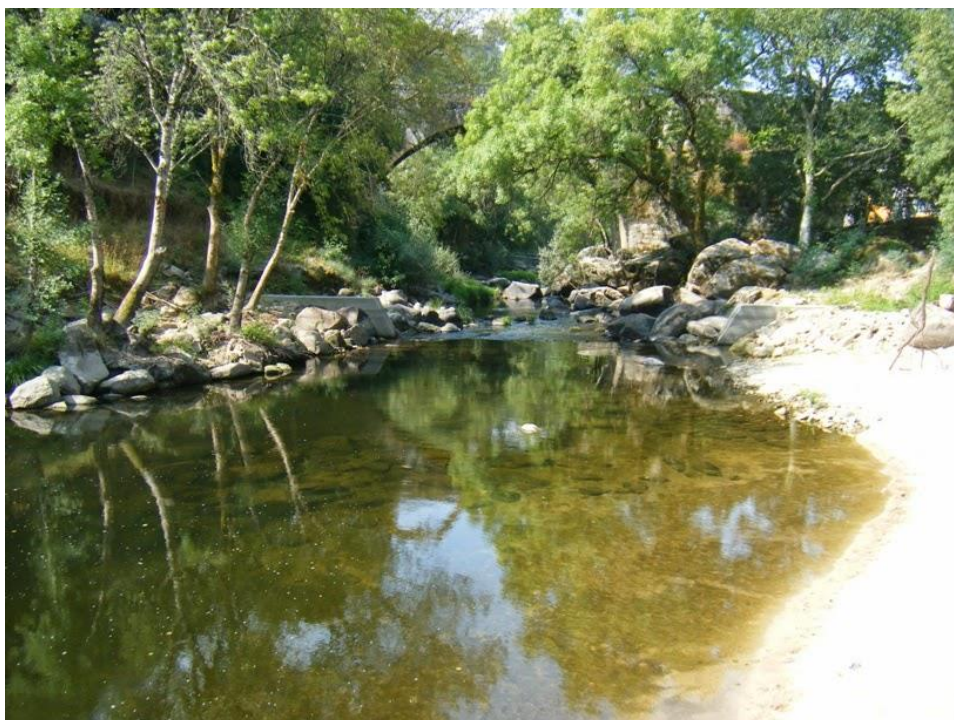


Figura 7: Meio Ambiente Aquático - Fluvial



Figura 8: Meio Ambiente Aquático - Marinho

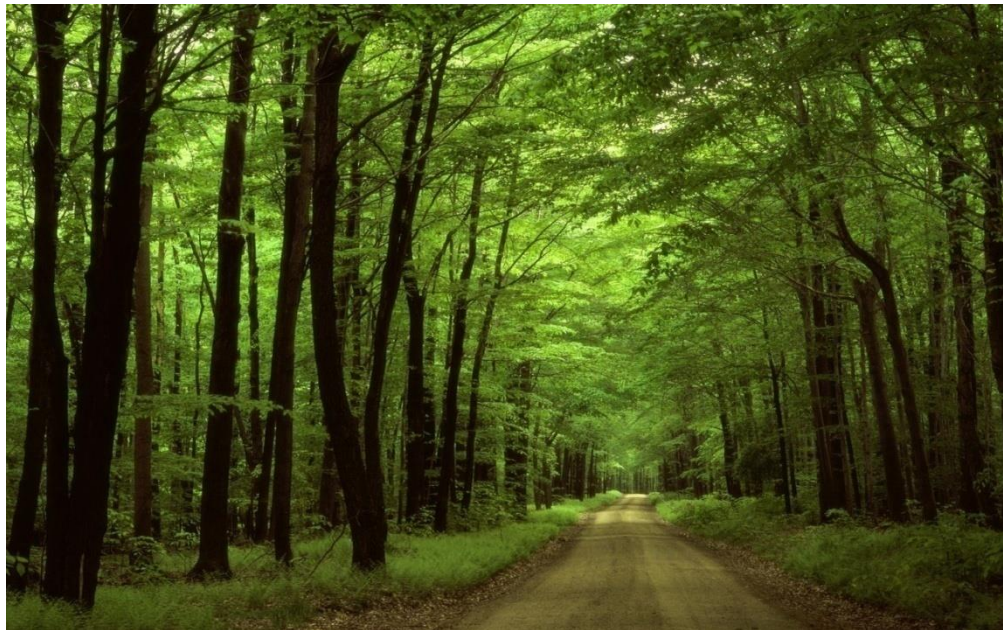


Figura 9: Meio Ambiente Terrestre

Anexo 2: Fotografias das atividades desenvolvidas



Figura 10: Visualização dos vídeos



Figura 11: Criança a fazer o seu registo gráfico



Figura 12: Registos gráficos das crianças



Figura 13: Livro "Os 3 R's: reutilizar, reduzir, reciclar"



Figura 14: Leitura da história "Os 3 R's: reutilizar, reduzir, reciclar"



Figura 15: Diálogo com as crianças sobre a reciclagem



Figura 16: Jogo "a reciclagem"



Figura 17: Continuação do jogo



Figura 18: Confirmação das embalagens nos ecopontos certos



Figura 19: Exposição dos brinquedos